



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 18 de Maio de 2013 • Ano LXX • N.º 1805 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Cantinho dos Rapazes

O ser humano está cheio de capacidades; tem muitos dons que pode fazer render. Cada pessoa é capaz de fazer tantas coisas: criar coisas novas, melhorar outras, organizar e transformar aquilo que nos rodeia que, depois de algum tempo de trabalho, dão sentimentos de alegria e satisfação por causa daquilo que se fez.

Foi ao ver estas capacidades dos rapazes da rua, que Pai Américo teve a coragem e a determinação para criar a nossa Obra como ela é: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Não se deixou intimidar pelo pensamento geral das pessoas, que consideravam os mesmos rapazes como «o lixo das ruas». Deus deu-lhe a capacidade e a sabedoria para tal, deu-lhe o desejo de concretizar, e ele «impelido», como costumava dizer, fez a Obra.

Repito: todos temos capacidades para fazer obras, ainda que simples, pequeninas, que até podem passar despercebidas aos outros. A necessidade dessas obras chama por nós a cada passo e em qualquer lugar

onde nos encontremos. Podemos fazê-las! Se as fizermos teremos sempre Alguém que dará valor à nossa generosidade.

As capacidades humanas, como Pai Américo sempre insistiu, podem servir para fazer o bem ou para fazer o mal. Isso diz-nos que temos liberdade. Mas, por outro lado, a responsabilidade que actua em nós, na nossa consciência, diz-nos também que devemos orientar tudo para o bem: o nosso e o dos outros.

Sabendo que «não há rapazes maus» e que a alma humana, sendo amparada com convicção e confiança, deseja esse bem, Pai Américo abriu aos rapazes das ruas, sem norte e entregues a si mesmos, as portas de um mundo novo: A Casa do Gaiato.

Para que usassem de plena liberdade e na mais perfeita responsabilidade, Pai Américo quis que tudo, o que pudesse ser, fosse feito pelos rapazes. Que ninguém viesse substituir e ocupar o seu lugar, pois dessa forma o rapaz deixaria de ser livre e tornar-se-ia um prisioneiro dentro de sua Casa.

Hoje, por acção da mentalidade do nosso tempo, que sempre tem muita influência na vida das pessoas e na nossa também, e por outras influências provenientes daqueles que podemos chamar dos teóricos da vida, que têm ou tiveram muito poder, os rapazes podem-se tornar prisioneiros dentro de nossas Casas. Repara!, a nossa porta continua bem aberta! Essa prisão vem da maneira de encararmos a vida, se somos activos ou passivos nela, isto é, se pomos em prática as nossas capacidades

ou se somos somente consumidores daquilo que os outros fazem.

Uma das coisas que mais falta faz às pessoas do nosso tempo, onde também vós estais incluídos, é o de cada pessoa olhar pouco para dentro de si mesma. Reflectir a sua vida: o presente, o passado e o futuro dela. Por esse motivo, não se está desperto para as coisas básicas da vida. E estas coisas são a base dela. São as que lhe dão estabilidade e segurança: a família, o trabalho, a seriedade...

Termino convidando-te a ver que uso fazes das chamadas novas tecnologias, já que elas têm hoje um grande poder sobre todos; se elas servem para te ajudar a pôr as tuas capacidades em prática ou para te fazer um dependente passivo delas, portanto seu prisioneiro.

Como Pai Américo dizia, a liberdade é o dom mais precioso que nós temos. Portanto, não a troques por nada deste mundo, ainda que aparentemente essa outra coisa seja muito bela. □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ERA manhã de Domingo. O sol acarinhava-nos, com raios cintilantes de clara luz e calor apetecido, entrando no largo corredor, através dos arcos dilatados e brancos, onde os rapazes passavam a caminho do pequeno-almoço, depois da Missa.

Após tantos dias de chuva parecia-nos estar noutra planeta.

Eu seguia sozinho atrás da multidão dos rapazes, remoendo interiormente a palavra divina que pregara e ouvira, mais a presença viva de Deus que se ia desmembrando. A mesma galeria dá acesso ao refeitório e à Capela e mede mais de oitenta metros de comprimento por cinco de largura; é ladeada, da parte de fora, por um largo muro baixo, onde os arcos se fixam e serve também de assento às pessoas que nos esperam.

No último arco, de costas para o sol e de frente para o corredor, vi duas mulheres sentadas de cabeça baixa, ar acabrunhado e plangente, fixando o chão que os rapazes, descontraidamente,

pisavam, brincando à-vontade, a caminho da mesa.

Ainda longe, discretamente, lancei sobre as mulheres um rápido olhar apercebendo-me de hipotéticas tragédias de vida.

Fiz como o sacerdote da parábola: passei adiante e fui também com os rapazes tomar o meu leite com café. Mas o olhar das mulheres tinha-me seduzido de tal forma que nem as brincadeiras felizes dos miúdos, à mesa, nem o sabor do leitinho o extinguíam.

Esta atitude pareceu-me desumana e antievangélica, mas foi usada, por mim, como triagem. As mulheres eram minhas conhecidas, já as tinha ajudado, com dinheiro, algumas vezes, e com alimentos, muitas.

Dada a minha aparente frieza foram ter com a Senhora que, muitas vezes, matara a fome a elas, aos filhos e à família. Lá choraram a sua aterradora situação, na esperança natural de que a Senhora fosse, para mim, veículo das suas situações. E assim aconteceu.

Apanhando-me ainda à mesa, a Senhora vem junto de mim e transmite-me, dolorosamente, a impressão pessoal das mulheres, rogando-me que as atendesse.

A triagem dera resultado. Eu estava agora mais seguro e mais aberto para acolher as pobres e me debruçar sobre os seus dramas.

A primeira exibiu-me uma carta da empresa a ameaçá-la com o corte de água, se não pagasse.

A água é um bem essencial. Ninguém pode viver sem ela. A lavagem dos corpos, a confecção dos alimentos e a subsistência da vida dependem dela.

Cortar a água a uma família, na cidade, é quase condená-la a trilhar o caminho da morte.

O cunhado com os filhos e a mulher, todos desempregados, foram postos na rua por não pagarem as rendas e acolheram-se na sua casa. Imaginamos o que é tanta gente junta num diminuto andar. Ela estava, também, em idêntica situação. Só o marido é sustento daquele numeroso agregado humano!...

— Cortam-me a água. Para onde vamos nós?! — E rompia

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Desatinos de malta

EM maré alta de Queimas e queimódromos barulhentos, não se pode ficar impassível a ver passar cortejos de milhares de estudantes. Os excessos e o vazio de rumos académicos não de preocupar quem não vive anestesiado, nesta crise sistémica que penetra profundamente na medula social.

Não dá sinais de abrandar, nalguns meios, o despesismo supérfluo e prejudicial de jovens, não autónomos e dependentes de quem labuta e até do magro erário público. Com certos comportamentos desviantes, onde podem radicar razões reivindicativas de quem se envolve em farras?... Depois de cursos até sem saídas, pois circulam currículos sem conta, não encontram também lugar no definhado mercado de trabalho. Contudo, há imensas ligações muito interessantes e seculares, também no Ensino Superior, em múltiplos domínios, empenhadas em injectar dinamismo na nossa realidade e além fronteiras.

Acontece que, entre os adolescentes, se observa uma banda com tons cinzentos, generalista e indiferenciada, que frequentam ou não estabelecimentos de ensino desprovidos de recursos, em que não se consegue captar a genica e as orientações dos mais novos. Muitos vão-se acomodando a que os parentes e o Estado cedam aos seus caprichos, sem pingar nenhum suor das testas.

Estas parcas observações, apenas indicações, sobre sinais destes tempos difíceis, não são despididas no sentido de tentar alertar para uma urgente cultura da frugalidade e da ocupação saudável, desde cedo, sob pena de se comprometer parte do nosso rumo civilizacional. Não se pode passar ao lado de quem vive na penúria e ainda procurar educar para o essencial e a sobriedade da vida. Numa parábola

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

REUNIÃO DOS PADRES DA RUA — Conforme as Normas de Vida, os nossos Padres, da Obra da Rua, reuniram na nossa Casa do Gaiato, a 16 de Abril, terça-feira, para tratarem do que é necessário e também celebrarem a Eucaristia.

AGROPECUÁRIA — Nos campo de milho e batata, teve de se aplicar herbicida para as ervas ruins. A horta foi fresada. A relva dos vários jardins foi cortada outra vez.

ARRANJOS — Teve de se arranjar o sistema da água quente, avariado, do quarto de banho dos miúdos da *casa-mãe*. Montou-se um quartito de banho no sector do gado.

ATIVIDADES — A 27 de Abril, Sábado, membros da organização *Mundo a Sorrir – Médicos dentistas solidários* estiveram connosco para nos darem informações úteis sobre a higiene oral e fazer a triagem das dentições dos Rapazes. Bem-hajam!

A 1 de Maio, quarta-feira, vários amigos ligados à Residência dos Estudantes da Beira, em Coimbra, vieram animar a malta com alguns jogos populares. Obrigado!

VISITANTES — A 25 de Abril, do Lar Juvenil dos Carvalhos, Vila Nova de Gaia, dos Claretianos, com o Sr. Padre Marçal, passaram pela nossa Casa. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

TEMOS QUE CUIDAR UNS DOS OUTROS — Por razões que todos bem conhecemos, é cada vez mais frequente surgirem-nos situações de pessoas cuja vida está a mudar para pior por causa do desemprego, ou por outras razões de que resultaram quebras acentuadas no seu rendimento. Infelizmente não é provável que o nosso País vá sair desta situação tão cedo. Por isso, se o 1.º Mandamento da Lei de Deus foi sempre válido, aqui e agora ele assume uma importância ainda maior. O dever de fazermos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar a que pessoas que podem, querem e precisam de trabalhar o consigam fazer, tem que ser uma coisa de todos os dias.

Parte disto pode e deve passar pelo que está ao alcance das nossas conferências vicentinas, mas não se esgota aí. A solidariedade tem que ser cada vez mais, não um adereço das outras organizações onde trabalhamos e a que pertencemos, mas algo que tem que estar no coração da sua actividade e isso depende de nós.

Hoje, mais do que nunca, em todo o sítio em que estivermos, temos que fazer por cuidar dos outros que precisam de nós e temos que levar outros a fazer o mesmo.

O nosso NIB: 004513424003543534043

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

PAÇO DE SOUSA

4.º ANO — Nos passados dias 7 e 10 dois dos nossos rapazes, o Carlinhos e o Sabino, foram fazer as provas finais à E. B. 2/3 de Paço de Sousa. Eles estavam um bocado nervosos por ser a primeira vez que as foram fazer. Esperamos que tenha corrido tudo bem.

VISITAS — Recebemos algumas visitas de grupos de Catequese e Escolas. Alguns rapazes costumam mostrar a nossa Aldeia, onde as pessoas ficam impressionadas com as nossas habitações e com a grande área de terrenos que a nossa Casa tem. As pessoas procuram saber se somos nós que tratamos dos campos. Só quando há tempo livre é que costumámos ajudar, especialmente nas férias, na apanha da batata, na vindima, na silagem, na palha e na limpeza dos campos.

FUTEBOL — Quando o Benfica, o Sporting e o Porto jogam, há uma discussão intensa entre os nossos rapazes. Cada um tem o seu clube, e esse é sempre o melhor, mesmo quando perde. Mas, acima de tudo, temos de ser desportistas, e saber ganhar ou perder, pois ambas as coisas acontecem a todos.

LIMPEZA — Na nossa Aldeia, com a ajuda dos Sapadores Florestais do Vale do Sousa, que fizeram um trabalho excelente, foram podadas

algumas árvores. A lenha que eles cortaram, que aproveitamos para o nosso aquecimento, foi encastelada e guardada nos *galinheiros*. A floresta é muito importante, portanto devemos preservá-la.

Bruno Alexandre

DESPORTO — *Não há fome que não traga fartura*. Assim aconteceu este fim-de-semana. Deslocámo-nos aos arredores de Lousada para defrontar o A. R. D. Macieira, da A. F. Porto, para mais um jogo. Fomos bem recebidos e ficou a promessa de com eles fazer, também, um jogo em nossa Casa.

Os nossos rapazes andavam com «fome»... de golos e, aqui puderam tirar a barriga de misérias. Marcaram oito e mais quatro ficaram por marcar; casos concretos de Joaquina, Ruben, Fábio e André «Espanhol»; só com o guarda-redes pela frente e... aselhas.

Um jogo que decorreu com toda a normalidade, em que o resultado também se foi construindo aos poucos.

Resultado final: Macieira 4, Casa do Gaiato 8.

Uma semana depois, voltámos a jogar fora do nosso *estádio*. Fomos até ao campo do Citânia de Sanfins, F. C. (Paços de Ferreira) e da A. F. Porto.

Íamos a contar com o jogo mais cedo, mas quando lá chegámos, estava a decorrer um jogo de velhas

guardas. Aguardamos e assistimos ao jogo.

Pelas 17h20, começou o nosso e não foi nada fácil. O Sanfins inaugurou o marcador e, tudo parecia que não ia ser fácil. E não foi! Mas os nossos rapazes não se deixaram ir abaixo. O empate surgiu, pouco depois, por intermédio de Ruben, que fez uma exibição soberba. Fábio, de grande penalidade, fez o 1-2; eles voltaram a empatar; e Dimas, saiu do banco para fazer o 2-3. Ninguém queria perder e o esforço, de parte a parte, andava no limite do ser humano. Um jogo impróprio para meninos mimados e manientos.

Na segunda parte tivemos que substituir o nosso guarda-redes, já que a sua atitude não estava ser a mais correcta. Quem havia de ir para a baliza?! O Nelson «capitão», um dos polivalentes da equipa, chamou a si a defesa das redes, evitando assim aquilo que poderia ser uma nova derrota, deitando por terra todo o esforço que o resto da equipa estava a fazer, desde o primeiro minuto.

Como nesta altura o resultado estava a nosso favor, foi marcada uma grande penalidade contra nós, ficando o resultado novamente empatado. Mas a vontade de ganhar era muita e, a 10 minutos do fim, Ruben, faz o seu segundo e o quarto da equipa.

Resultado final: Citânia de Sanfins 3, Casa do Gaiato 4.

Alberto («Resende»)

O NOSSO JORNAL

Prossegue a nossa visita, pessoal ou por carta, aos assinantes d'O GAIATO que há muito tempo não nos dão qualquer sinal de que se mantêm "em linha".

Apesar disso, ainda há muitos que não nos dizem nada, o que nos leva a ter de suspender as suas assinaturas.

Como é tradição com o *Famoso*, cada exemplar que expedimos ou colocamos nas mãos dos nossos Amigos, tem de encontrar eco num coração interessado.

A leitura d'O GAIATO é o compromisso assumido por todos os assinantes, pelo que não faz sentido que se perca qualquer exemplar.

Sendo, desde o passado mês de Março, «*Jornal de Distribuição Gratuita*», não se alterou, no entanto, o seu preço, que continua a ser o reflexo da generosidade de cada um.

Em resposta a esta alteração de forma, que não de conteúdo, surgiram reacções de regozijo, com

reforço de ajuda para as despesas do Jornal e sua expedição, e também preocupação pelo destino que alguns exemplares pudessem vir a ter, que muito apreciámos, embora seja uma preocupação sem fundamento, pois neste particular, nada se alterou.

Embora continuem a surgir novos assinantes para O GAIATO, são muito mais os que suspendem a sua assinatura, por diversas razões. Dentre estes, há muitos que gostariam de passar o "testemunho" aos seus descendentes, mas não são correspondidos no seu desejo.

É tempo de todos nos empenharmos para que o *Famoso* entre em mais casas de família. As dificuldades financeiras nunca serão impedimento para manter a sua assinatura.

As cartas dos assinantes, que abaixo reproduzimos, traduzem bem este mesmo sentir:

«Venho enviar este cheque para a minha assinatura d'O GAIATO, jornal que não tem preço e que eu tanto aprecio.

Assinante 15123.»

«Para pagar a assinatura do "nosso" GAIATO, se por acaso há dinheiro que pague este jornalzinho que tanto bem tem feito ao nosso coração.

Livros do nosso Padre Telmo

Mais dois livros de Padre Telmo Ferraz — *ConTigo no Planalto* e *Pelo Caminho das Tipóias* —, edições da Diocese a que pertence, Bragança-Miranda, com prefácio do seu Bispo, D. José Manuel Cordeiro. No fim, em cada um deles, uma nota muito a propósito do percurso do Autor pela pena do Dr. Henrique Pereira, historiando também o percurso do seu Dom vocacional — uma referência importantíssima para todos quantos queiram conhece-lo mais aprofundadamente.

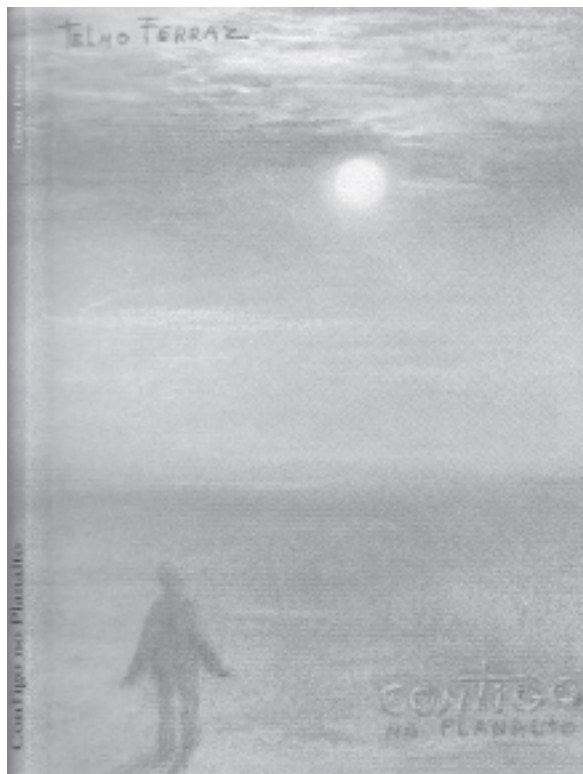
A "viagem", por estas duas obras, é uma só: unificada no Pleno e ousadia de filho em à-vontade com o Pai: «Falar-Te! Estar conTigo! Tratar-Te por Tu! Estarei louco? Como este atrevimento?». Pessoalmente, percorri o "caminho", tantas vezes esquecido, das *virtudes pessoais* e, de texto em texto, fui-as descobrindo no Homem, Padre e Pai de centenas de gaia-

tos, tanto deste nosso Portugal como de Angola — onde desde o início das Casas do Gaiato ele é o primeiro responsável pela de Malanje.

Na visita aos Pobres, aos Doentes, aos Presos..., num País em guerra aberta e atroz; na reconstrução da Casa do Gaiato de Malanje, entretanto restituída à Obra da Rua — a sua vivência dá-se em O GAIATO, onde escreve, com o coração, as dificuldades e misérias daquele Povo: «Quando o coração vê, há mais luz no mundo!»

Para os Amigos e Leitores que pretendam lê-los, convém o pedido para: Casa do Gaiato, Lugar do Mosteiro, 4560-373 Paço de Sousa; pelo telefone 255752285; pelo e-mail: obradarua@iol.pt — o mesmo para quaisquer informações que julguem oportunas.

Júlio A. B. Fernandes



Padre Américo, precursor do Vaticano II - A sua leitura dos «sinais dos tempos»

Continuação do número anterior

12. Bento XVI, no seu livro “A Infância de Jesus”, ao refletir a influência necessária na vida da Igreja do Mistério da Encarnação do Filho de Deus, escreveu: «Faz parte do tornar-se cristão este sair do âmbito daquilo que todos pensam e querem, sair dos critérios predominantes, para entrar na luz da verdade sobre o nosso ser e, com essa luz, alcançar o justo caminho». Sem deixar que esta palavra passasse sem a acolher para meu estímulo, ao lê-la, veio-me à mente o Padre Américo. Ele soube sair do âmbito do tempo e dos critérios reinantes, para viver na luz do que era e do que Deus lhe pedia. (...)

Certamente que foi o seu amor a Deus e a sua fé que o capacitaram para se comprometer numa obra cheia de dificuldades, sem nunca desistir, nem se arrependeu do caminho escolhido e generosamente andado. A leitura dos seus escritos continua a ser, hoje como amanhã, o caminho para lhe ler o coração e apreender o sentido das suas opções. Ele foi realmente alguém que voltou às origens do Cristianismo, à vida das primitivas comunidades cristãs, ao propósito de tornar o amor do Pai visível e efectivo. Soube passar ao lado de honras e de privilégios. Soube continuar o seu rumo, quando muitos o consideravam um louco sem futuro. (...)

Mas não foi isto tudo que João XXIII tinha em mente ao convocar o Concílio? Não foi neste sentido que o Papa jogou todos os dados para que voltássemos a ter uma Igreja Serva e Pobre, que espelhasse o rosto de Deus Pai misericordioso, e pudesse ser, deste modo, uma Igreja Mãe e Mestra? (...)



13. Tal como a Igreja peregrina, santa, mas sempre a necessitar de purificação, também a Obra do Padre Américo, portadora da riqueza do seu carisma, do testemunho comprometido da sua vida com o Evangelho e da riqueza inovadora das suas intuições, nada perde em se confrontar com o tempo.

O Padre Américo entendeu que se devia libertar da sujeição aos poderes políticos públicos e dispensar o seu dinheiro. Foi nesta independência, deliberada e consciente, que a Obra da Rua ganhou raízes e se afirmou como um bem nacional e eclesial. Agora, porém, o fascínio dos políticos por um Estado Social que tudo deve resolver, centralizador e avesso à colaboração, qualificada e testada dos privados e das instituições, vem-se traduzindo, em relação à Obra da Rua, em pressões, desconhecimento, marginalização, desdém, quando não mesmo em atitudes de condenação e desprezo.

Não faltam casos recentes a comprová-lo, por parte de serviços e servidores do Estado.

Certamente que a colaboração, aceite e oferecida pela Obra ou a ela proposta, na sequência de exigências e de normas oficiais, não a pode levar a abdicar daquilo que é património intocável, como o carisma educacional e a pedagogia do Padre Américo. Uma relação mútua respeitosa da Obra da Rua poderá ajudar instituições estatais e particulares a ganhar um novo espírito, e a própria Obra a beneficiar de possíveis contributos válidos e a sentir novos desafios sociais. A realidade — pensemos no número dos Padres da Rua e na sua idade e, também, na crise porque passa o País — obriga à abertura e à criatividade, que sempre se pode fazer sem perda da identidade.

Interrogo-me muitas vezes sobre como é que hoje o Padre Américo reagiria à colaboração, e como, a

favor dos pobres, manteria a sua independência num mundo onde a acção política social governativa é centralizadora e ideológica!

14. Ao terminar, deixo a palavra a quem dela conseguiu fazer vida. Palavra escaldante, incómoda, interpeladora, dita pelo Padre Américo aqui em Coimbra, que pede a quem a escuta se deixe contagiar: «Vai fazer dez anos no dia 19 do mês de Março que eu pedi licença ao então Prelado da Diocese de Coimbra para me deixar ir cuidar dos pobres, que para outra coisa não prestava, por virtude de uma doença que ao tempo me consumia; e ele disse-me que sim. Não houve requerimento, nem cunha, nem nomeação. Foi um operário chamado à vinha do Senhor, pelo Senhor, em muita dor e aflição, a fim de melhor poder ajudar e compreender os aflitos. Deus escreve direito por linhas tortas. Comecei por uma toca no Largo da Trindade, onde habitava uma mulher prostituída, com quatro filhos de outros tantos pais, a qual mulher falecia pouco depois à minha beira, roída de doença e do pecado, a pedir perdão e a perdoar! Em questão de miséria social, a minha estreia foi perfeita e o meu serviço bem acabado. Desde então até à data, tem

sido um constante desfiar de contas numa cadeia interminável de cenas que a vida tem; a tal ponto que eu sinto dentro do meu peito, dia-a-dia, a alegria imensa de uma Obra que fica, em lugar da amargura de uma vida que acaba.» (...)

E, por fim, esta seta de fogo: «Ai! Que se a experiência das coisas divinas não fosse, como as demais, um facto individual e intransmissível, eu havia de passar para o teu peito tudo quanto no meu arde, para tu também arderes. Desculpa a forma pessoal do meu dizer de hoje. É falar de apaixonado. É por teu amor que o faço; quereria que tivesses a mesma paixão. Vem!»

A gente nova, os seminaristas de Teologia, os padres, novos e menos novos, precisam de conhecer o Padre Américo, como precisam de o conhecer os leigos cristãos mais atentos e as comunidades paroquiais para que se tornem mais sensíveis aos pobres que nelas vivem.

O padre, ou é um apaixonado, por Cristo e, à sua maneira, dominado pelos amores que ocuparam a sua vida, ou não vale a pena ser padre. O Padre Américo assim no-lo diz, de modo bem eloquente, com a sua vida e a sua Obra.

† António Marcelino
Bispo Emérito de Aveiro

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

num choro comunicativo que me fez estremecer. — *Sim. Como vamos viver?! A vizinha do lado também está à rasca!*

Os olhos da senhora eram fontes esbugalhadas que ela sustinha com as costas das mãos, limpando com a direita a vista esquerda e vice-versa, durante alguns longos e mudos momentos.

Lá a consolei com um cheque dirigido à companhia das águas, acertando bem os euros e os cêntimos e mandei-a ir ter com a Senhora com quem desabafara e lhe fez um abundante avio.

A outra trazia a renda da casa com um atraso de quatro meses, uma carta do senhorio e outra do infantário do filho a ameaçá-la.

O desespero não se manifestou tão intensamente, mas eu já estava “tocado” pela primeira. Sustive-me quanto pude, mas as mensalidades do infantário e dois meses para apaziguar o senhorio foram postos em dois cheques.

As rendas da casa são um tormento! E quem não tem trabalho nem rendimentos será obrigado a ir para a rua? Rasguem a Constituição. Só nessa semana paguei mais de seis mil euros em rendas de casa!...

Quando se acaba o dinheiro ou não estou seguro da situação, só tenho a dizer a verdade: — Não tenho. Não posso. — Mas fico terrivelmente angustiado. Valem-me alguns assinantes d'O GAIATO e Leitores do Património. É através deles que Deus me ajuda. □

VINDE VER!

Padre Quim

Olhar o futuro com optimismo

A primeiratação que ocorre, quase sempre quando abor damos factos da nossa vida quotidiana que, de certa maneira, estão ligados à permanente tensão entre o hoje e o amanhã, é a de pensar no instável, no provável e no inseguro. Começamos a construir, hoje, o edifício humano cuja fase de acabamento não tem término. Ou seja, não constitui interesse primário, é obra de toda vida.

Um grupo de rapazes começou a fazer a sua experiência no mundo do trabalho para, em breve, poder ter a sua autonomia e ir construindo, com precisão, a sua inserção social — depois de terem sido preparados na Casa do Gaiato para vida com dignidade — e assim dar lugar a outras crianças que precisam de uma família. Outros irão também, depois de uma preparação adequada e cui-

dada para enfrentar os desafios do dia-a-dia.

Assim, os cristãos convidados a participar activamente na construção do mundo novo não encontrarão espaço e tempo para o fazer noutro mundo, se tal tarefa neste não for empreendida com resignação. Assegurando a paz, o bem-estar, a justiça e superando todas as tristezas e sofrimentos, apesar de se estar a viver num mundo esfacelado e carente de esperança.

Há dias, conversando com o psicólogo que durante algum tempo tem vindo a acompanhar os nossos rapazes, nesta área importante da compreensão, construção e desenvolvimento da personalidade do indivíduo, falámos sobre a urgência da orientação vocacional, entre outros pontos interessantes que constituem o factor comportamental, para se manter uma boa convivência social.

O princípio seguro na projecção de qualquer intento deverá consistir na pergunta básica: o que se pretende edificar? Cujas resposta virá modelada pelas acções a serem realizadas, passando

«Recebi, há dias, da vossa Casa, um “aviso” para actualizar a minha assinatura.

Eu peço imensa desculpa do meu atraso. Sei que estou em dívida para convosco.

Por isso, junto cheque para ajuda do pagamento do Jornal. É, talvez, muito pouco, mas não posso fazer melhor.

Gosto muito d'O GAIATO. Há muitos anos que sou assinante, mas agora com as dificuldades, se assim entendessem, seria melhor não continuar a recebê-lo porque não queria ficar em dívida convosco.

Com o vosso exemplo, aprendemos a amar o Senhor e os nossos irmãos.

Uma assinante.»

«Escrevo em nome da minha esposa, assídua leitora do vosso Jornal.

Como desconheço o montante em dívida, pela assinatura do mesmo, e aquilo que ocasionalmente me disseram, que o preço do Jornal é lê-lo, apesar de tudo aqui envio uma pequena participação para amortizar a despesa.

Grato pelo Jornal.

Assinante 69481.»

Assinante 46424.»

VISTAS DE DENTRO

Padre João

ERA num sábado, pela meia tarde, um deles veio ter comigo: «Sr. Padre pode ir levar a minha mãe ao comboio?». Perguntei pelo horário e disse que sim. O Rapaz é um do grupo dos pequenos mais espigados. Chegada a hora apareceu com a mãe — uma mulher relativamente ainda jovem, de S. Tomé e Príncipe — e lá fomos em direcção à Estação ferroviária de Palmela.

Na despedida a mãe não “descolava” da cara do Rapaz osculando-o intensamente não só no rosto, mas na cabeça e afagando-lhe os cabelos frisados. Percebi que o Rapaz não dava conta de si, quer dizer, aparentemente não correspondia a tanta manifestação de afecto. Pudor ou vergonha de se ver observado na sua reacção íntima de adolescente...

No dia seguinte, o 1º Domingo de Maio, havia de celebrar-se o Dia da Mãe. Andava eu a pensar na reflexão acerca da Liturgia da Palavra de Deus e como haveria de “entrosar” com ela esta efeméride nunca por nunca indiferente a ninguém — muito menos a estes Rapazes. Sim, não podia deixar de dizer — uma palavra que fosse...! Nestas ocasiões, nada fácil por tocar assunto de tão grande delicadeza e sensibilidade. Enquanto assim cogitava, de mim para mim, e diante da despedida deste Rapaz à sua Mãe, veio-me à lembrança um texto do «Páginas Escolhidas», uma colectânea de textos do mais belo e actualíssimo acervo literário do Padre Américo. Muitos anos “voaram” já por cima deste escrito, situações que também se alteraram,

mas o sabor do dito, continua de qualidade, por tocar a alma humana no seu íntimo mais profundo. O texto referido prima, sobretudo, pela sua beleza e autenticidade. De facto o dom da maternidade é um mistério da vida que acompanha o ser humano, enquanto filho ou filha, até à morte, até à eternidade. Não admira que o Padre Américo o tenha observado com tanto realismo e profundidade; que até o Papa do sorriso, como ficou bem conhecido, João Paulo I, tenha surpreendido “A Cidade e Mundo” com afirmação encantadora de que Deus também é mãe; Pai e Mãe! Por tudo isto e pelo quadro observado nesta véspera, aí vai:

«Gostava de ver a minha mãe, disse-me. Eu respondi que sim, unicamente aconselhei a Primavera. Será melhor na Primavera. Temos agora a distância. Temos o frio. “Tu és doente”. O Rapaz acede. Olha-me na face, resignado e fala de si para si: “Eu só queria dizer mãe. Ó mãe. Ó minha mãe”. Eu estava silencioso a escutar estas grandezas da alma. O Rapaz continua na sua meiga e santa fraseologia: “como dizer agora mãe? Eu era pequenino quando saí de ao pé dela!” E murmurava: “mãe, mãe!” Mas isto encerra um mundo de beleza e de verdade! Andamos todos à procura das coisas grandes e não vemos a verdadeira grandeza das pequenas. Este Rapaz que ontem era lixo das montureiras prega hoje ao mundo sábio o conceito verdadeiro e divino da família. Tem-no escrito na alma: “mãe, ó mãe!” O nome que enche o mundo!» □

SETÚBAL

Padre Acílio

Filme

O filme — revelação da vida de uma Casa do Gaiato — vai a meio da venda, da primeira edição de cinco mil cópias. Os melhores propagandistas têm sido os nossos Leitores, os quais encomendam para eles e para os seus amigos, se enamoram, se deslumbram e dão graças a Deus.

Sim. Este filme não é ficção, mas vida verdadeira e um projecto educativo; não um faz de conta nem uma utopia, mas uma realidade viva.

Não foi ensaiado. Tudo surgiu com a naturalidade pura dos rapazes e a espontaneidade atracente das crianças e jovens. Nem sequer escolhemos a estação mais bonita, pois realizámo-lo no fim do Outono e princípio do Inverno.

Bailarino

O nosso bailarino foi, com mais quatro companheiras da sua academia de dança, uma semana para uma escola de Bruxelas, após uma pré-selecção em Lisboa.

Ficámos contentes. Após tantos anos de *teimosia séria* em investir na escola de dança, um dos nossos começa a brilhar nos palcos do mundo, nos difíceis meandros daquela arte!

Para ser bailarino não basta ter arte, corpo e competência, é preciso, em primeiro lugar, como suporte indispensável, ser homem, homem de verdade.



Capela e corredor que leva ao refeitório da Casa do Gaiato de Setúbal

Que o contacto com o universo fútil dos aplausos não iludam o Ivanoel, mas lhe abra os olhos para o que a vida tem de verdade e de hipocrisia.

Leite

ESTAMOS a chegar à meta estabelecida, há vinte anos, quando instalamos a nossa mini-vacaria: *produzir 1500 litros diários de leite, enchendo o tanque de refrigeração de dois em dois dias, quando o camião cisterna o vem vazar.*

A pouco e pouco têm-se seleccionado as filhas das melhores leiteiras e aprendido, com os nutricionistas dos animais, a fornecer-lhes o adequado alimento. A pequena agricultura — que não se pode encostar aos subsídios — é um empreendimento penoso e sempre pobre,

por mais voltas que lhe dermos.

É ridículo o preço do leite pago ao produtor, comparado com o que é posto à venda nos mercados, após a extracção do que este produto tem de melhor!

Leite, leite é aquele que bebemos na nossa Casa, embora se lhe tire alguma nata, com que todas as semanas, misturando chocolate, fazemos “tulicreme” para os rapazes barrarem o pão.

É verdade que a vacaria nos dá a carne e o leite, mas obriga-nos a um cuidado contínuo, sem sábados nem feriados nem domingos!

— *Porquê uma actividade destas, na Casa do Gaiato, se não dá lucro?* — Perguntarás!

— É um envolvimento que nos obriga a ter com a terra e com a natureza, e faz tão bem aos rapazes! Já vistes o espectáculo que é uma vitelinha a nascer?

Não fazemos agricultores como não fazemos empresários, mas fazemos **Homens**. □

MALANJE

Padre Rafael

Vem e segue-Me...

PENSO que seguir alguém é sempre muito difícil, mas quando se trata de Jesus torna-se impossível. Por essa razão, sempre que estou cansado, sobrecarregado, sem forças para continuar, me parece ouvir, no meio dos meus desalentos, estas mesmas palavras: *Vem e segue-Me...* E desde logo, como a muitos irmãos, só nos sentimos vivos quando nos levantamos e O seguimos, seja onde for que estejamos...

Hoje, Padre Telmo e *tio* Catete viajaram para Luanda. Aparentemente um sobrinho do Padre Telmo encontrou trabalho em Angola e decidiu vir. A situação em Portugal e em Espanha é lamentável. Como sempre, Luanda recebe-os com milhares de jovens que vendem todo o tipo de compotas e objectos pelas ruas e estradas.

Aqui, continuamos a trabalhar com toda a força para juntar um pouco de dinheiro que permita comprar o necessário para a semana. Como vamos vendendo alguma madeira e blocos de cimento, atendemos as diferentes necessidades, como são a alimentação, a escola... A crise em Portugal também nos está passando factura, mas isso não nos impede de continuar a partilhar os nossos esforços com as aldeias, principalmente no aproveitamento da agricultura, com os campos de mandioca.

A Sonangol aprovou um projecto para reabilitar a nossa Aldeia. O conjunto trata da construção de um muro na parte frontal da Aldeia, reparação dos telhados e interiores das casas e melhoramentos nas pocilgas. Também não esquecemos o Colégio de Miralbueno, que está a juntar dinheiro para nos ajudar a comprar materiais para fazer novas camas e, com um pouco de sorte, comprar um arado de viragem para a agricultura. Também não esquecemos os muitos benfeitores que desde o anonimato nos oferecem os seus donativos, cada qual conforme as suas possibilidades — que esperançoso é saber que não estamos sós nesta caminhada.

Já se ouve a sineta para o jantar... Os pequenos não perdem nem um segundo, são os primeiros a entrar no refeitório. Primeiro, cada um se coloca na sua mesa e espera que cheguem todos. Logo que o chefe, encarregado de orientar a refeição, bater as palmas, procede-se à bênção da refeição. De seguida, o ruído das cadeiras e das mesas... que grande festa ver os «Batatinhas» sorrir enquanto comem o seu funge. No fim, novamente o chefe bate as palmas e, de pé, todos esperam as suas recomendações, antes de sairmos do refeitório... deixam tudo limpo... não fazem muito barulho ao sair... *Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo... para sempre seja bendito e louvado.* Rezar nunca fez mal a ninguém e ajuda-nos a ser agradecidos. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

do Mestre, é bem claro o ralhete àquele que se excede em regalar: — *Insensato!* Jesus nasceu numa família trabalhadora e lutou pela vida como artesão com as suas mãos, de forma modesta: — *Não é Ele o filho do carpinteiro?*

O nosso olhar voou assim até Nazaré da Galileia, pois a nossa alma se amargurou ainda com encontros recentes, no País profundo, em que conhecemos de perto situações de adolescentes transviados. É preocupante, nalgumas zonas da nossa Pátria, o aumento de processos de menores em risco, em que muitos dos casos advêm de litígios e separações familiares, ficando os filhos e filhas desprotegidos e sem afectos capazes. O alcoolismo e a toxicod dependência acentuam esta chaga social.

No Ribatejo, estivemos com dois frágeis agregados recônditos, em ambientes urbano e rural. Os garotos, de 15 anos, sinalizados, no desfiar das conversas, coincidiram nisto: — *Não gosto de ir à escola...* Respingões, um deles quer ser jardineiro e o outro mecânico. Seria mais preventivo e motivador orientar adolescentes para um ensino técnico, conforme as suas aptidões, logo no início da adolescência, reforçando esta vertente escolar, ao canalizar os mecenatos possíveis para que esta fase da vida não se prolongue sem expectativas à vista, num horizonte incerto.

O turismo estudantil é uma máscara de um cortejo carnavalesco recorrente, numa época de retrocessos culturais, em que falsos valores iludem os incautos. Se nos permitem, haja *juízo e tino e corda para o sino...* □

PENSAMENTO

Pai Américo

Que o teu dar não resulte da comoção do meu pedir, mas sim do reparo e da consideração dos direitos do garoto da rua e do dever que nós temos de o defender.

in *Pão dos Pobres*, 2.º Vol.